

UMA GRANDE COLEÇÃO DE MOEDAS
NO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL?

Rejane Maria Lobo Vieira

Com a colaboração de

Maria Lúcia Faria Rodrigues

Norma Botelho Portugal

NUMISMÁTICA - CONCEITUAÇÃO E OBJETO

A Numismática foi definida de diversas maneiras. Muito simplesmente, como "a ciência das moedas", por diversos autores; ou de forma mais complexa, como a adotada por José Leite de Vasconcelos no final do século passado: "ciência que tem por objetivo o estudo morfológico e interpretativo das moedas; morfológico porque as moedas hão de apreciar-se quanto ao seu metal, ao seu aspecto, a suas figuras, sinais e letreiros; interpretativo porque se tem de dar a razão de tudo o que o estudo morfológico revelou nas moedas. É como que um estudo anatômico e fisiológico, ou estático e dinâmico, ou da forma e da função."¹

Hoje, ela se define como "uma disciplina científica através da qual podem ser estudados muitos aspectos de uma determinada sociedade".² Já não reivindica o *status* de ciência. Aceita-se comumente que as leis que determinam o comportamento da moeda procedem da Economia - que engloba a moeda como um elemento participante do conjunto das atividades econômicas.

A Numismática caracteriza-se como uma disciplina científica porque desenvolveu métodos e técnicas próprios e porque fundamenta seus trabalhos de interpretação numa observação rigorosa dos objetos, confrontando-os com diversos outros tipos de fontes e dados.

O principal objeto de estudo da Numismática é a moeda, que consiste geralmente em um disco achatado de metal com peso e valor determinados e garantidos mediante marcas ou imagens nele impressos pela autoridade emissora.

A moeda assim definida, que surgiu na Lídia na segunda metade do século VII a.C., apresenta algumas características: é um produto de sociedades organizadas; é um objeto produzido em série e tem um caráter oficial, pois emana do poder. Entre diversas outras funções, representa um padrão de valor (ou unidade de conta), um meio de pagamento de bens e serviços em substituição à troca direta e também uma maneira de entesourar (reserva de valor).

A Numismática interessa-se, por outro lado, pelas moedas primitivas ou moedas-mercadoria, pelas moedas particulares, não oficiais, e por formas mais recentes do dinheiro.

Também são estudados por ela os objetos ligados à fabricação das moedas; as peças monetiformes, assim chamadas em virtude de sua semelhança física com as moedas, apesar de terem funções diferentes, e as medalhas, comemorativas de eventos ou personagens.

A Numismática pode ser considerada “uma disciplina das Ciências Humanas”.³ Ligou-se tradicionalmente ao estudo da História (de que foi considerada uma ciência auxiliar), sobretudo à História Política, ajudando a estabelecer a cronologia de reinados e a datar fatos marcantes da política; à Economia, informando sobre o valor das moedas dentro dos diferentes sistemas monetários, sobre desvalorizações e períodos de crise, sobre os comportamentos em relação à moeda, “permitindo examinar, no passado, a aplicação das leis econômicas”⁴; à Arqueologia, contribuindo para auxiliar a datação de estratos e sítios arqueológicos; e à História da Arte, permitindo, através de seus tipos, uma análise da evolução dos estilos e o conhecimento de obras desaparecidas ou conhecidas somente por meio de fontes literárias.

AS COLEÇÕES DE MOEDAS E O DESENVOLVIMENTO DA NUMISMÁTICA

As coleções de moedas antigas, conservadas por amadores como objetos de curiosidade ou por seu valor artístico e intrínseco, remontam à Antigüidade. Segundo alguns autores, ao período helenístico, no século III a.C.

Desde a época do imperador Augusto - que oferecia aos membros de seu círculo mais próximo moedas raras ou muito bonitas por ocasião de grandes festas - nasceu em relação a moeda a idéia de um valor que não se prendia apenas ao seu poder de compra.⁵ A partir de então foram “inúmeros os personagens que viram nas moedas se não uma fonte de informação, pelo menos objetos dignos de interesse”.⁶

Mais tarde, nos mosteiros medievais, ao lado de bibliotecas e coleções de manuscritos, objetos antigos e curiosidades naturais, formaram-se também coleções de moedas antigas que posteriormente seriam incorporadas a fundos maiores, públicos ou privados.

Pode-se afirmar, com segurança, que desde o Renascimento as moedas passaram a ser estreitamente vinculadas à história. Surgiu nessa época a idéia de que toda biblioteca devia ser complementada por um medalheiro. As moedas antigas - sobretudo as romanas, neste período de redescoberta da Antigüidade - passaram a ser consideradas como objetos de estudo e como documentos comprobatórios da existência de governantes. Eram examinadas e confrontadas com outras fontes antigas e séries monetárias foram sendo estruturadas de modo a constituir verdadeiras galerias metálicas. O valor das moedas como testemunhos do passado foi reconhecido e demonstrado por muitos eruditos. Também neste aspecto Petrarca -

historiador e arqueólogo, além de poeta - foi um precursor, tendo-se dedicado ao estudo das moedas, entre outras fontes e documentos antigos.

O exemplo de Petrarca foi seguido na Itália, em primeiro lugar, por outros humanistas - mecenas, amadores ou eruditos - à proporção que se difundia o gosto pelas coisas do passado e pelas moedas antigas. Nessa época, predominou o interesse pelo aspecto iconográfico das moedas, numa espécie de curiosidade concentrada nos traços fisionômicos das personagens antigas reproduzidos nos tipos monetários, que, sem dúvida, ainda persiste até nossos dias.

O gosto pelas moedas antigas não tardou a difundir-se por toda a Europa. Na segunda metade do século XVI, medalhões esculpidos, copiados de moedas romanas, passaram a fazer parte da decoração de palácios e castelos, principalmente na Itália, na França e na Espanha.

Na mesma época, coleções de moedas, entre outros objetos antigos, começaram a ser formadas não só nas cortes principescas da Itália (dos Medici, dos Este, de papas e cardeais), da Inglaterra, França, Hungria, mas em diversos outros ambientes.

Na Alemanha, em Augsburgo, os poderosos banqueiros Fugger preocuparam-se em reunir, em sua biblioteca, coleções abertas aos estudiosos do período.

No século XVII, as coleções reais francesas, inicialmente instaladas no castelo de Blois e depois no de Fontainebleau, foram organizadas, no Louvre, em 1666, e, mais tarde, em Versailles, em 1683, onde foram muito ampliadas e eram visitadas quase diariamente por Luís XIV⁷. Após a morte deste rei, foram transferidas para Paris, para a Biblioteca Real, de modo a que, conforme Jean Babelon, "os artistas ou os sábios pudessem tirar proveito desses tesouros".

No século XVIII, uma parte da coleção do erudito Pellerin (que contava aproximadamente 32.500 moedas), foi comprada para o gabinete do rei. Depois da Revolução Francesa, o gabinete recebeu diversas coleções mantidas até então em mosteiros e, no século XIX, incorporou, através de doações ou de compra, coleções de renome, como o excepcional conjunto de moedas gregas antigas legado pelo duque de Luynes em 1862.

"Até a metade do século XVIII, pelo menos em França, são as *medailles*, isto é, as moedas antigas, as peças de coleção por excelência. A partir desta data, serão suplantadas pelos objetos de história natural"⁸ A formação das grandes coleções nacionais européias seguiu aproximadamente o exemplo francês.

No decorrer do século XIX, grande parte dos Estados, ou seja, o poder, pressionado pelos "produtores da arte e do saber", a intelectualidade

preocupou-se “em tornar possível o acesso a estes bens (as coleções e bibliotecas de modo geral) daqueles que não podiam comprá-los nem o prazer estético, nem os conhecimentos históricos, nem o prestígio”⁹.

Assim, através de compra, de doações feitas por grandes mecenas ao Estado e também do financiamento de trabalhos arqueológicos, foram constituídas muitas das grandes coleções de moedas que compõem o acervo de museus e, ainda hoje, de bibliotecas.

Quando surgiu e começou a estruturar-se, no século XVI, a Numismática preocupou-se com o aspecto iconográfico das moedas, como mencionamos anteriormente, e com a formação de séries cronológicas que reconstituíssem a seqüência dos governantes. Sob essa ótica foram publicadas inúmeras obras. Uma das primeiras foi a *Illustrium imagines* (Retratos dos ilustres), de Fulvio Orsini, editada na Itália em 1570.

Numa linha científica muito precoce para a época, Guillaume Budé, professor do Collège de France na segunda metade do século XVI, escreveu a sua *De asse et partibus ejus* (Do as e de suas Divisões), em que se dedicava à metrologia romana.

No final do século XVIII, Joseph Hilarius Eckel, diretor do Gabinete de moedas antigas de Viena, estabeleceu em sua *Doctrina numorum veterum* (Doutrina das moedas dos antigos) a metodologia da Numismática na época.

A partir do século XIX, os conservadores de museus e bibliotecas responsáveis por coleções de moedas empreenderam, sob o patrocínio dos Estados, um imenso trabalho para a publicação de catálogos descritivos, cronológicos e detalhados, das séries de moedas nacionais e antigas que constituíam o acervo dos grandes museus europeus.

O Museu Britânico, através de seus especialistas, sob a coordenação de Reginald Stuart Poole, e o Cabinet des Médailles de Paris, através de Ernest Babelon, destacaram-se nessa tarefa, produzindo catálogos que até hoje são obras de referência preciosas para a classificação correta de moedas.

Também nessa época foram publicadas obras de teoria, tratados e manuais que se tornaram elementos de base para o trabalho da Numismática.

O final do século XIX foi fecundo para a disciplina. Foram fundadas diversas sociedades, realizados congressos e criados periódicos. Surgiram leiloeiros especializados e mesmo catálogos de coleções particulares.

No mesmo período, “os estudos numismáticos assumiram um caráter científico, dentro do quadro de desenvolvimento das Ciências Humanas”¹⁰. Foram desenvolvidos, ou ampliados, métodos como a

caracteroscopia¹¹, a metrologia¹², as técnicas de análise de metais e os procedimentos para a interpretação rigorosa dos tesouros monetários¹³.

O métodos acima mencionados têm sido especialmente úteis para a investigação da moeda da Antiguidade e da Idade Média, períodos para os quais são raros os documentos escritos.

Além do desenvolvimento de seus métodos, a Numismática acompanhou, já no século XX, a tendência manifestada pelas Ciências Humanas, redefinindo seus objetos e ampliando o leque de seus estudos.

A análise dos tipos e das legendas das moedas, por exemplo, tem produzido trabalhos importantes sobre o poder e suas manifestações, sobre as idéias políticas e a ideologia oficial em diversas épocas¹⁴.

COMEÇO DA NUMISMÁTICA NO BRASIL E A FORMAÇÃO DA COLEÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL

No Brasil, o processo de formação das grandes coleções de moedas foi semelhante ao europeu, embora mais tardio. Os primeiros fundos foram também constituídos por governantes (a família imperial), por mecenas e por eruditos.

O Estado Imperial, no final do século XIX, e o republicano, nas primeiras décadas do século XX, preocuparam-se em proporcionar ao povo o acesso à cultura através da criação e do fomento a instituições culturais, visando também à formação de uma consciência nacional através do resgate dos acontecimentos do passado¹⁵.

Em relação aos primórdios da Numismática brasileira, a obra de um suíço, Julius Meili, é pioneira. Como cônsul da Suíça e comerciante, Meili estabeleceu-se em Salvador, em 1870, conseguindo reunir uma das melhores coleções de moedas do Brasil de sua época¹⁶.

Publicou, a partir de 1897, **As moedas do Brasil colônia (1897)**, **Moeda fiduciária do Brasil (1903)** e **Moedas do Brasil independente (1905)**. Foi, na realidade, o primeiro grande estudioso da moeda brasileira¹⁷.

A primeira e a terceira dessas obras, escritas em alemão, foram traduzidas para o português por outro grande colecionador e numismata, Pedro Massena, que não chegou a publicar obras de sua autoria.

O grande colecionador português Antônio Pedro de Andrade também não deixou obra escrita além de catálogos parciais de sua coleção.

Outro colecionador português estabelecido no Rio de Janeiro, Augusto de Souza Lobo¹⁸, amigo e correspondente de Julius Meili e Pedro Massena, publicou, em 1908, o **Catálogo da collecção numismatica bra-**

sileira, que ainda constitui uma obra de consulta obrigatória para a classificação de moedas do Brasil.

Uma mulher, Amélia Machado Coelho de Castro, viscondessa de Cavalcanti, foi a primeira a dedicar-se à classificação das medalhas em nosso país. Sua obra, o **Catálogo das medalhas brasileiras e estrangeiras referentes ao Brasil**, foi editada em Paris, em 1910. A coleção por ela reunida faz parte do acervo do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora.

Coleções particulares importantes como a de Bernardo d' Azevedo da Silva Ramos foram adquiridas por governos estaduais, neste caso o do Amazonas, formando a base de coleções públicas¹⁹.

Em São Paulo, a coleção do Museu Paulista, inaugurado em 1895, originou-se da coleção Sertório, que englobava, além de moedas e medalhas, diversos outros tipos de objetos²⁰.

Existem coleções de moedas espalhadas um pouco por toda parte em museus do Brasil. Interessa-nos especialmente a do Museu Histórico Nacional, que conta 112 anos desde o início de sua formação, na Biblioteca Nacional.

Não se pode falar sobre a coleção numismática do Museu Histórico Nacional sem mencionar o fundo reunido anteriormente na Biblioteca Nacional, que constituiu sua base.

Criada em 1810, durante a regência de D. João, a Biblioteca Nacional havia inaugurado, no início da década de 1880, sob a direção do erudito Ramiz Galvão, uma ofensiva para a reunião, no âmbito da Biblioteca, de uma coleção de moedas e medalhas, sobretudo brasileiras.

Em um relatório datado de 1881 e dirigido ao barão Homem de Melo, ministro do Império, Ramiz Galvão utilizou diferentes argumentos para alcançar seus objetivos, principalmente em relação à coleção mantida, em caráter transitório, no Museu Nacional.

" A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, exmo sñr., não possuía moedas nem medalhas por um vício de organização que é fácil de explicar; quando creada, pensou-se que esses trabalhos eram antes objetos de curiosidade, e por isso os deixaram fazendo parte do Museu Nacional (...). É todavia incontestável que moedas e medalhas são antes de tudo documentos subsidiários da historia, e que por consequencia o seu logar próprio não é ao lado das colleções de historia natural (...); o logar da numismática é ao lado da historia, e o da historia é na Biblioteca Nacional. Pensando assim todas as grandes bibliotecas da Europa têm a sua secção de numismática (...).

Parece obvio que a bela coleção numismática do Museu Nacional deve vir para a Biblioteca Nacional; é mais fácil completar uma coleção do que duas, nem vejo razão para que o Estado se obrigue a duplicar despesas mantendo e enriquecendo dois mealheiros na mesma capital, pelo simples motivo de conservar um status quo, que foi filho de nossos antecessores²¹.

Segundo Luiz Marques Poliano²², com quem concordamos, é bem possível que Gustavo Barroso tivesse usado, 41 anos mais tarde, uma argumentação semelhante para conseguir a transferência da coleção da Biblioteca Nacional para o Museu Histórico.

Ramiz Galvão não conseguiu que o fundo numismático do Museu Nacional viesse para a Biblioteca durante a sua administração. Mas foi ele, de fato, o iniciador da coleção de numismática naquela instituição.

O primeiro núcleo de peças - composto de 406 moedas e 6 medalhas - foi doado à Biblioteca pelo então chefe da Seção de Manuscritos, J. A. Teixeira de Melo, em setembro de 1880. O segundo, de 1.606 moedas, pelo colecionador Francisco Ferreira Soares e o terceiro, de 114 moedas e 10 medalhas, ainda no mesmo ano, pelo próprio Ministro Homem de Melo.

Nos anos subsequentes, a coleção continuou a crescer por meio de compra, permuta ou doações, inclusive de grandes colecionadores como Miguel Arcanjo Galvão e Antonio Pedro de Andrade. Ao terminar o exercício de 1895, o medalheiro da Biblioteca Nacional reunia 6.321 moedas e medalhas.

No termo de abertura do 1o. livro de registro da Biblioteca Nacional, assinado pelo chefe da 3ª. Seção (de numismática), Aurélio Lopes, e iniciado em 30 de setembro de 1895, lê-se que:

“Do inventário geral das coleções da Seção, começado em 1o. de outubro de 1894 e terminado em setembro de 1895, sendo diretor da Biblioteca o Dr. Raul d’vila Pompeo, constava até esta última data a existência de 22.863 peças numismáticas: moedas, medalhas, etc, papel moeda inclusive”.

Este número já englobava as 13.741 moedas e medalhas da coleção do Museu Nacional²³.

Em 1896, o diretor do Museu Nacional decidiu enviar para a Biblioteca Nacional a coleção de D. Pedro II, constituída desde o Primeiro Reinado e composta de 1.593 moedas e 545 medalhas (entre as quais 1.212 moedas brasileiras, sendo 52 de ouro e 107 de prata, além de uma barra de ouro), por ele doada, em 1891, ao Museu Nacional e ao Instituto Histórico juntamente com sua grande biblioteca e museu particulares²⁴.

Além de moedas e medalhas, e também de papel-moeda, a Biblioteca Nacional começou a reunir, sob a rubrica Miscelâneas, condecorações, distintivos, vales, ações e apólices.

Em 1915, o acervo da 3ª. Seção da Biblioteca - de Estampas e Numismática - compunha-se de 30.310 peças. Em 1918, com a compra da coleção do Conselheiro Sobragy, entre outras aquisições, o total de exemplares elevou-se para 33.045²⁵.

Em 1920, a Biblioteca Nacional solicitou ao governo a aquisição da extraordinária coleção composta por Julius Meili. A compra não pôde ser efetivada, e o conjunto²⁶ foi posto à venda em São Paulo, dispersando-se entre diversos colecionadores particulares. O núcleo de moeda fiduciária (1.059 exemplares) foi, mais tarde, resgatado pelo Museu do Banco do Brasil, onde ainda se encontra.

Em 1922, o colecionador Guilherme Guinle, que adquirira recentemente a coleção Souza Lobo, doou à Biblioteca Nacional 720 moedas brasileiras (123 de prata e 597 de cobre), que "interessassem à coleção oficial" e que foram selecionadas entre as peças de sua coleção particular pelos técnicos da Biblioteca²⁷.

No final do ano de 1922, depois de determinada a transferência do acervo numismático da Biblioteca para o Museu Histórico Nacional, a coleção perfazia um total de 34.430 exemplares, não computando ainda a coleção do comendador Antonio Pedro de Andrade, por ele legada em testamento à Biblioteca Nacional.

O comendador Antonio Pedro de Andrade foi o maior doador individual da coleção numismática da Biblioteca Nacional / Museu Histórico Nacional. Nascido em Funchal, na Ilha da Madeira, em 1839, emigrou para o Brasil com dezesseis anos. Trabalhou como jornalista no *Correio Mercantil* e no *Jornal do Commercio* e depois, como bancário, no Banco Comercial do Rio de Janeiro, de que foi gerente, diretor, e por fim presidente²⁸.

A coleção constituída pelo comendador, que se compõe, de acordo com os livros de registro existentes no Museu Histórico Nacional, de 13.941 peças (sendo 606 delas de ouro; 200 da série brasileira, inclusive uma peça da coroação), reúne moedas, moedas particulares, vales e medalhas. Seus núcleos mais importantes, orgânicos, distribuem-se entre moedas de Portugal e colônias (4.599 peças); moedas romanas e bizantinas (4.420 peças); moedas brasileiras (2.337 peças); medalhas portuguesas (1.101 peças) e brasileiras (950 peças).

Esta extraordinária coleção, apesar da morte de seu doador em 1921, só seria incorporada ao restante do acervo mais tarde, já no Museu

Histórico Nacional, em virtude de seu porte e da proximidade da transferência.

A COLEÇÃO NUMISMÁTICA DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

O decreto 15.596 de 2 de agosto de 1922, que criou o Museu Histórico Nacional, também estabeleceu que fossem transferidos para a Instituição

“os objetos que constituem o museu histórico do Arquivo Nacional”; “o acervo da seção de moedas e medalhas da Biblioteca Nacional, inclusive as obras impressas que formam a biblioteca especial da seção”; e “as coleções de moedas, selos e peças similares existentes na Casa da Moeda, que conservará apenas os exemplares que lhe forem necessários dos trabalhos que houver executado e das peças que lhe servirem como modelos” (Artigo 83, 1, 2 e 3).

As disposições do decreto não foram cumpridas de imediato, pelo menos no que diz respeito às coleções de moedas.

Enquanto aguardava a transferência das coleções numismáticas para o Museu Histórico, o dr. Gustavo Barroso empenhou-se, junto ao governo, em obter recursos para a compra da coleção formada por Othon Leonardos²⁹, proposta ao Museu por seu filho, Thomas Francisco Leonardos. Tal como havia ocorrido anteriormente com a Biblioteca Nacional em relação à coleção Meili, o Museu não conseguiu adquirir o precioso fundo, que se fragmentou.

No primeiro semestre de 1923, a Casa da Moeda, de cujos trabalhos a Biblioteca Nacional vinha solicitando exemplares desde o início do século (além das medalhas, moedas ensaios e selos estrangeiros ali existentes), enviou para o Museu cerca de 50 medalhas de diversos metais, informando que “são as únicas que não fazem falta aos trabalhos deste Estabelecimento”³⁰.

Em setembro do mesmo ano, a coleção da Biblioteca Nacional foi transportada para a Casa do Trem.

De acordo com Luiz Marques Poliano³¹, a transferência:

“Foi uma tarefa trabalhosa, dada a natureza do material a se remover, e a conveniência de se não perder o esforço de tantos anos de arrumação e classificação.

Todas as lâminas, cerca de 1.500, foram envoltas em papel e colocadas nas mesmas gavetas em que se achavam, e, após numeração, guarda-

das nos cofres correspondentes, ficando assim perfeitamente inalterada a disposição geográfica e cronológica”.

Acompanharam a coleção da Biblioteca Nacional seis espaçosas vitrinas, dez medalheiros de aço blindado fabricados na Inglaterra (chamados cofres na época), duas grandes estantes de aço para livros com prateleiras reguláveis, um cofre de aço para a guarda de valores e uma casa-forte de grades de ferro, entre diversos outros móveis e instrumentos especialmente destinados ao trabalho com moedas e medalhas.

A biblioteca especializada, composta de 974 volumes e indispensável ao trabalho técnico, também acompanhou a coleção. Muitas das obras que a compõem atingem hoje preços muito elevados em leilões.

Já instalados no Museu Histórico Nacional, os técnicos da 2ª Secção - de Numismática - chefiados pelo dr. Edgar de Araújo Romero, procederam ao trabalho de inclusão da coleção Andrade no conjunto estruturado anteriormente “num trabalho metuculoso de confronto, visando, além do preenchimento de claros, à verificação das variantes”³².

Também em 1924, o governo de Epitácio Pessoa adquiriu, por compra, a coleção do grande numismata mineiro Pedro Massena, menos valiosa do que a coleção Andrade, mas importante porque era constituída, em quase sua totalidade, de peças relativas ao Brasil. A coleção Massena compunha-se, de acordo com os livros de registro da 2ª Secção, de 22.608 peças, sobretudo moedas brasileiras, mas também medalhas do Brasil e de Portugal. Entre as 452 peças de ouro, destacavam-se uma moeda de III florins da ocupação holandesa (1645) e três barras de ouro do reinado de D. João Regente e D. João VI. Acompanharam-na 492 livros e 22 periódicos da biblioteca especializada do numismata.

Conforme Poliano³³:

“A incorporação da coleção Massena teve de obedecer àquele mesmo critério/ adotado para a inclusão da coleção Andrade/. A idéia dominante de quantos até hoje tiveram a responsabilidade do gabinete numismático, foi sempre a de formar uma *grande coleção*, qualitativa e quantitativamente. Temos ouvido de alguns a opinião de que seria mais razoável manter separados os conjuntos recebidos. Além do inconveniente da exposição de numerosas duplicatas, obrigaria um tal critério a catálogos especiais e, pois, a uma grande dispersão de trabalho, sem qualquer finalidade prática. Além disso, furtava à Secção um dos seus mais fáceis meios de aquisição - o das permutas, que as duplicatas tem mantido, com grande proveito para o enriquecimento das séries”.

Este foi, de fato, o pensamento que norteou a organização das coleções de moedas do Museu Histórico Nacional -uma opção pelo todo em detrimento do particular.

A política de permutas, já utilizada desde a época da coleção na Biblioteca Nacional e que vigorou no Museu até a década de 1940, visava a uma apuração das peças da coleção e ao preenchimento de lacunas, embora acarretasse, muitas vezes, a diminuição do número de exemplares. Neste caso, uma opção pela qualidade em detrimento da quantidade.

Ainda em 1924, vieram do Arquivo Nacional 1.541 moedas referentes ao Brasil, 463 medalhas e condecorações e dois medalheiros, um dos quais havia pertencido ao conde d'Eu.

Neste mesmo ano, o colecionador Guilherme Guinle enviou ao Museu Histórico 119 condecorações em ouro, prata dourada, esmalte e pedras finas das ordens de d. Pedro I, Avis, Cruzeiro, Rosa e Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, entre outras.

Em 2 de setembro, o dr. Gustavo Barroso, em carta dirigida ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, assim se referia à doação e aos seus próximos desdobramentos, fazendo um balanço das atividades do Museu:

“Mandando avaliar o valor total da dádiva pelo chefe da 2ª. Seção (Numismática, Filatelia e Sigilografia), o mesmo apresentou-me seu parecer, calculando-a em 31:420\$000/ trinta e um contos e quatrocentos e vinte mil réis/. Acresce informar a V. Ex. que o Exmo. Sr. dr. Guilherme Guinle já comunicou pessoalmente a esta Diretoria estar catalogando sua grande e maravilhosa coleção de moedas brasileiras, na maioria de ouro, contendo as barras de ouro com os cunhos coloniais mais raros e de grande peso, afim de fazer doação da mesma ao Museu Histórico. Já providenciei no sentido de se preparar sala especial e segura para guardar esse régio presente, calculado pelos entendidos em mais de mil contos de reis.

Cumpre-me informar a V. Ex. (...) que a 2ª. Seção (...) tem 60 mil peças diferentes de inestimável valor. Acresce ainda que o Museu já organizou tres bibliotecas para o seu serviço (...) e na 2ª. Seção, de Numismática, etc., sendo esta a mais numerosa e rica”³⁴.

Com efeito, no ano seguinte, o dr. Guilherme Guinle fez ao Museu outra doação excepcional. Os técnicos da Seção de Numismática foram convidados a escolher, entre os exemplares da coleção Guinle”, todas as peças que interessassem ao mealheiro oficial”. Entraram assim para o acervo de

moedas do Brasil mais 2.310 peças, sendo 481 de ouro, entre as quais 13 barras³⁶. Este conjunto foi avaliado na época em 200 contos (milhões) de réis.

Guilherme Guinle doou também ao Museu todas as vitrinas de imbuia da sala da coleção brasileira, instalada no segundo andar da Casa do Trem, e que recebeu o seu nome.

Em 1927, proveniente do antigo Museu da Marinha, foi anexado ao acervo um conjunto de 230 peças, sobretudo medalhas militares, comemorativas, condecorações e moedas³⁶. Ao findar o ano de 1928, o fundo da Seção de Numismática totalizava 76.121 peças. A coleção filatélica (iniciada mais tarde, depois de 1901, na Biblioteca Nacional) contava então com 7.000 exemplares classificados.

Já nesta época, a coleção do Museu Histórico Nacional era considerada como a mais importante do Brasil. No primeiro número da *Revista Numismática da Sociedade Numismática Brasileira* (S.P.), Carlos d'Almeida Braga³⁷, redator-secretário, assim a qualificava:

“A coleção brasileira contem nas suas series, as mais belas moedas do mundo, e, para isso provar, basta citar as do segundo império. Já possuímos, felizmente, importantes monetários. De todos, o mais notável é a coleção do Museu Histórico, recentemente acrescida pela aquisição das coleções de Pedro Massena (...). Também contribuíram para augmentar o valor da seção de numismática do Museu Histórico, a patriótica doação do milionário Guilherme Guinle, assim como outras doações e aquisições preciosas”.

Em 1934, foram transferidas do Ministério das Relações Exteriores para o Museu 1.338 peças - 922 medalhas, 33 condecorações e 383 moedas.

Na noite de 23 de julho de 1937, foram roubadas da coleção 17 barras e 117 moedas de ouro, avaliadas pelo dr. Romero em mais de 250 contos de réis³⁸. De todas as peças roubadas, uma única barra de ouro foi recuperada, já na década de 1980.

Gustavo Barroso não mediu esforços para proporcionar condições para o crescimento das coleções da Seção de Numismática. Conforme Adolfo Dumans³⁹, o diretor do Museu referiu-se desta maneira à Numismática em uma entrevista concedida em 15 de junho de 1929:

“A Numismática ou ciência das medalhas e moedas, tem merecido de todos os países uma proteção especial. Nas nações européias ela constitue a preocupação de muitos sábios. Raros ignoram a importância que se dá em França ao famoso Cabinet des Médailles, carinhosamente fundado por Luis XIV, e o valor extraordinário das coleções reais da Itália, que dão ensejo a publicações de inestimável preço. E só assim se justifica o aparecimento de obras maravilhosas como o **Tratado de Babelon**.

As moedas, medalhas e sinetes são documentos de alta valia para os estudos de arqueologia e história. Foi a sigilografia bizantina que guiou a mão de mestre de Gustavo Schlumberger nas suas majestosas epopéias da Constantinopla do século X. Por moedas e medalhas, um autor célebre já conseguiu fazer a história do poder temporal dos papas. E bastará acrescentar o concurso prestado pela numismática à egiptologia, à assiriologia, à história das civilizações da Hellade, do Latium, da Etrúria, da Judéia, da Síria e da Armênia.

Entre nós tal ordem de estudos não tem sido de todo desprezada e, embora poucos, os seus cultores se distinguem pelo amor ao assunto. Deles ressaltam, sem dúvida, os nomes de Meili, Andrade, Góis, Massena e Guilherme Guinle, além de outros”.

Neste mesmo artigo em que cita Gustavo Barroso, intitulado “O Museu Histórico através dos seus 19 anos de existência”, Dumans⁴⁰ faz uma avaliação das atividades do Museu. Interessa-nos aqui a parte referente ao acervo da Numismática:

“Possuímos, desde o Brasil Reino, uma bela coleção de moedas e medalhas que até agosto de 1922 fez parte da Biblioteca Nacional (...).

As coleções numismáticas encerram cerca de 75.000 peças, inclusive moedas e medalhas de quase todos os países antigos e modernos. Assim, possui interessante “série grega”, que se não refere apenas às moedas dos gregos, mas também àqueles povos que os imitavam. A coleção romana, abrangendo o período dos reis, a república e o império, é também vultosa, possuindo mais de 6.000 moedas. Dos países modernos destacam-se pela sua importância as coleções de Portugal, França, Espanha, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra e Colônias, Argentina, Peru e outros países.

A parte mais notável do acervo da 2ª Seção é a do Brasil: moedas, medalhas, condecorações, *jetons*, carimbos, sinetes, ensaios, provas de cunho, ponções, etc., não esquecendo a parte relativa à moeda fiduciária que encerra igualmente muitas preciosidades. A parte do Brasil é completa, ali se poderá ver a moeda nacional desde os primeiros tempos até hoje (...).

Em 1940, o total das peças da Seção de Numismática era de 102.283 exemplares nas diversas categorias. Em 1943, de 103.148.

Decorridos 47 anos, o inventário do acervo do Departamento de Numismática feito para a Comissão de Acervos Museológicos instituída pela Fundação Nacional Pró-Memória, já em processo de extinção, registrou 127.344 peças, incluindo as recém-adquiridas e excluindo as depositadas. A biblioteca especializada reunia 4.511 volumes e 491 periódicos.

Verifica-se, pelo acompanhamento das totalizações do acervo, que o maior crescimento da coleção principal - de moedas e medalhas do Brasil -

ocorreu na década de 1920. O quadro atual não se distancia muito daquele inserido no artigo de Adolfo Dumans mencionado acima⁴¹.

Apenas a coleção filatélica registrou um grande crescimento desde então, passando de 21.713 peças em 1943 para 42.699 em 1990. Ela reúne hoje conjuntos importantes e raros como cartas com carimbos precursores nacionais e estrangeiros (1.321 peças), os primeiros selos brasileiros e suas provas, e quase todos os comemorativos brasileiros até a década de 1980.

Numa época em que as aquisições e doações tornam-se cada vez mais raras, é forçoso mencionar a doação de 415 moedas da Itália feita pelo dr. Eugênio Vergara Caffarelli em 1990 e 1991. A doação do dr. Caffarelli, economista e numismata italiano radicado em São Paulo, engloba todas as emissões regulares e comemorativas da República da Itália de 1966 a 1991 e compreende também moedas dos últimos reinados.

Entre os técnicos que trabalharam na Numismática, destacam-se, em primeiro lugar, os nomes do dr. Edgar de Araújo Romero, de d. Yolanda Marcondes Portugal e de d. Dulce Ludolf, que dedicaram toda sua vida profissional ao trabalho e ao estudo das coleções. Devem também ser mencionados Saturnino de Pádua, Luiz Marques Poliano, Alfredo Solano de Barros, Antonio Pimentel Winz, Jenny Dreyfus e Fortunée Levy, entre outros.

A produção intelectual desses técnicos ultrapassou a esfera dos *Anais* do Museu Histórico Nacional, gerando obras independentes e disseminando-se através de periódicos especializados como a *Revista Numismática da Sociedade Numismática Brasileira* (S.P.) a *Revista da Sociedade de Numismática do Rio de Janeiro*; a *Revista da Casa da Moeda* e a *Revista do Clube da Medalha*, para citar somente alguns.

Os chefes da Seção e depois Divisão de Numismática, dr. Romero, d. Yolanda Portugal e d. Dulce Ludolf, foram também os titulares da cadeira de Numismática no Curso de Museus, estruturado em 1932, e mais tarde na Escola de Museologia, transferida em 1979 para a Universidade do Rio de Janeiro

É interessante observar que, desde 1911, eram necessários conhecimentos de Numismática brasileira para o acesso ao quadro de funcionários da Biblioteca Nacional.

Atualmente, o ensino da Numismática, restrito como sempre o foi às capitais do Rio de Janeiro e de São Paulo, é ministrado, a nível de graduação, pelas prof^{as}. Regina Elisia Bibiani e Vera Lúcia Lima

na Escola de Museologia da UNIRIO e nas Faculdades Integradas Estácio de Sá, e, a nível de pós-graduação, pela dr^a Maria Beatriz Florenzano, na Universidade de São Paulo⁴².

Instituída como a 2^a Seção - de Numismática, Filatelia e Sigilografia - pelo Regimento Interno do Museu Histórico Nacional em 1922, a Numismática manteve o mesmo nome e condição no de 1934. Em 1954, passou a ser a Divisão de Numismática, Sigilografia, Condecorações e Filatelia, conservada pelo regimento seguinte, de 1961. Deixou de existir regimentalmente em 1975, sendo então mencionada apenas como campo de pesquisa da Seção de Pesquisa e Organização. Foi restaurada em 1987, a nível de Departamento com três Divisões - de Moedas, Medalhas e Filatelia - na administração da prof^a Solange de Sampaio Godoy.

No final do ano anterior, sob a mesma direção, as coleções de numismática haviam sido transferidas para duas grandes salas do segundo pavimento do edifício principal do Museu, para que se pudesse dar início a obras urgentes de restauração da Casa do Trem.

Segundo o planejamento da direção para o Museu, ali seriam mais tarde instaladas as coleções, a biblioteca especializada e exposições permanentes e temporárias com núcleos das diferentes categorias do acervo do departamento.

As obras de recuperação da Casa do Trem - o prédio mais antigo do conjunto arquitetônico do Museu Histórico Nacional - foram iniciadas com o apoio do Governo da República Federal da Alemanha. Encontram-se suspensas no momento, aguardando verbas do governo brasileiro para a sua conclusão.

A coleção numismática do Museu Histórico Nacional foi e ainda é considerada como a mais importante do Brasil e atualmente tende a ser superada, pelo menos em número de peças, pela coleção que começou a ser formada no Banco Central do Brasil a partir de 1972.

Hoje, só as coleções de instituições financeiras, entre as coleções públicas, registram um grande crescimento. Nesta categoria, deve-se ressaltar, no Rio de Janeiro, a atuação do Museu do Banco do Brasil⁴³ na divulgação da numismática, sobretudo brasileira.

Mas, para que serve, afinal, uma grande coleção de moedas num Museu de História Nacional (ou em quaisquer outros museus)?

As moedas são documentos originais, acessíveis devido à sua multiplicidade. Como os outros objetos de coleção, elas podem, simplesmente, ser usadas para oferecerem-se ao olhar através de exposições, uma das finalidades dos museus.

No entanto, quando utilizadas como documentos e confrontadas com outras fontes de época, elas podem gerar, em vários níveis e para diversas áreas, conhecimentos sobre as sociedades que as produziram, independentemente da abordagem teórica, metodológica ou da disciplina que as estabeleceu.

O estudo das moedas tem prestado uma grande contribuição à Arqueologia, à Economia e à História. Emitidas pelos governos e portanto documentos de caráter oficial, as moedas prestam-se notavelmente ao estudo do poder e da ideologia política através do tempo.

As coleções do Museu Histórico Nacional têm servido para estudos, pesquisas e exposições importantes, a nível nacional e internacional. Continuam assim a cumprir a sua função - a de nos ajudar a conhecer um pouco melhor a história do homem em sociedade.

Notas:

1. VASCONCELOS, J. Leite de. Objecto da Numismática. Em: **O archeologo português**. Lisboa: Imprensa Nacional, vol.1, p. 305,1895.
2. FRERE, Hubert. **Numismática - uma introdução aos métodos e à classificação**. Tradução e adaptação de COSTILHES, Alain e FLORENZANO, Maria Beatriz. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, p. 11.1984.
3. FLORENZANO, Maria Beatriz B. Numismática e História Antiga. Em: *Anais do 1º Simpósio Nacional de História Antiga*. João Pessoa, p.49.1984.
4. FRERE, Hubert, *op. cit.*, p. 14.
5. BABELON, Jean. Numismatique. Em SAMARAN, Charles(org.). **L'Histoire et ses méthodes**. Bruges: Encyclopédie de la Pléiade (vol. 11), Imprimerie Sainte Catherine, p. 373,1973.
6. FRERE, Hubert, *op. cit.*, p. 12.
7. BABELON, Jean, *op. cit.*, p. 374 / PETIT, Karl. **Numismatique - Monnaies et Médailles**. Verviers: Nouvelles Editions Marabout, p. 61.1981.
8. POMIAN, Krzysztof. Coleção. Em: ROMANO, Ruggiero (dir.) *Memória - História*, Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 77.
9. Idem, *ibidem*, pp. 78, 54.
10. FLORENZANO, Maria Beatriz B., *op. cit.*, p. 49.
11. A caracteroscopia é um método da Numismática que, através da comparação dos cunhos do maior número possível de reproduções de moedas de uma mesma emissão, procura estabelecer a seqüência da utilização desses cunhos de anverso e reverso para chegar a uma cronologia relativa das séries monetárias. Essa cronologia possibilita delimitar os períodos em

que ocorreram variações qualitativas e quantitativas nas moedas e avaliar a importância de uma cunhagem quanto ao volume provável de peças emitidas.

V.FLORENZANO, *op.cit.*, p.52.

12. A metrologia é o estudo do "comportamento dos pesos das moedas dentro das emissões" e dos sistemas monetários em que foram cunhadas e de "como estes foram manipulados pelo Estado emissor". Permite, além da reconstituição dos sistemas monetários, "apontar para situações como a área de influência de uma cidade emissora de moedas, através da expansão de seu padrão monetário (...), transformações das relações de uma cidade observadas através da modificação dos padrões monetários (...) e assim por diante". FLORENZANO, *idem*, pp. 52-53.
13. A análise dos "tesouros monetários" - grupos de moedas enterradas juntas - informa sobre a circulação monetária da região em que foram encontradas no momento do enterramento, sobre a área de difusão das espécies e sobre o tempo em que as moedas permaneceram em circulação, entre outros dados.
14. Um exemplo é o estudo de NEWMAN, Robert. "A dialogue of power in the coinage of Antony and Octavian (44 - 30 B.C.). Em: *American Journal of Numismatics* - 2. Nova Iorque: American Numismatic Society, 1990.
15. BITTENCOURT, José Neves. *Vitamina para as Musas - sobre o papel da reflexão no interior do Museu Histórico Nacional* (1989). / ABREU, Regina de. *Tradição e Modernidade: O Museu Histórico Nacional e seu acervo* (1991). / FERREIRA NETO, Edgard Leite. *O improviso da perenidade* (1991). Artigos não publicados produzidos no âmbito da Divisão de Pesquisa do Museu Histórico Nacional.
16. Dados biográficos obtidos através de PUPO, Alceu de Campos. Julius Meili. Em: *Revista Numismática*. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, (Ano 1, no. 1), pp. 6-8. 1933.
17. A coleção Leonardos, avaliada na época em 300 contos de réis, constituía-se de 15.470 moedas e 870 medalhas. Englobava conjuntos de 800 moedas gregas, 3.710 moedas romanas antigas e 2.462 moedas alemãs entre outros. Era formada, em grande parte, de exemplares de prata e ouro, em ótimo estado de conservação segundo o Dr. Romero, que a examinou, e continha muitas moedas consideradas raras. Foi vendida, em parte pelo menos, pelo leiloeiro Schulman, de Amsterdã, em 1927.
18. Segundo carta datada de 1^o de maio de 1923 de seu diretor, Honório I Hermeto, Ao Dr. Gustavo Barroso - Divisão de Controle do Patrimônio/MHN, processo 6/23, documentos 16-17.
19. POLIANO, Luiz Marques, *op. cit.*, pp. 19-20.
20. *Idem*, *ibidem*, p. 20.
21. POLIANO, L. M., *op. cit.*, p. 2.
22. Divisão de Controle do Patrimônio/MHN, processo 3/24, documento 1.
23. Conforme relação manuscrita do Dr. Gustavo Barroso existente no Departamento de Numismática.
24. POLIANO, L. M., *op. cit.*, p. 22.
25. BRAGA, Carlos d'Almeida. A Numismática. Em *Revista Numismática*. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, (Ano 1, no. 1), p. 43. 1933.

26. A relação completa das peças roubadas foi publicada pela *Revista Numismática* em 1937 (nos. 3/4), pp. 246-248.
27. DUMANS, Adolfo. O Museu Histórico através dos seus 19 anos de existência. Em *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: MHN / Imprensa Nacional, (vol. 1), p. 216. 1940.
28. Idem, *Ibidem*, pp. 211-230.
29. Idem, *Ibidem*, p. 226.
30. O núcleo de pesquisa constituído recentemente pela dr^a Maria Beatriz Florenzano no Museu de Arqueologia e Etnologia / USP (o único do Brasil na área de Numismática), dedica-se ao estudo da numismática antiga e também da brasileira, com o objetivo de "conhecer mais da história do homem usando a moeda como documento".
31. O Museu do Banco do Brasil, inaugurado em 1955, está hoje ligado ao Centro Cultural da Instituição, no Rio de Janeiro. Detém um acervo de 36 mil peças, sob a supervisão de Heleny Pires de Castro e a curadoria de Carlos Passos Perez.
32. Idem, *ibidem*, p. 20.
33. POLIANO, L. M., *op. cit.*, p. 2.
34. Divisão de Controle do Patrimônio / MHN, processo 3/24, documento 1.
35. Conforme relação manuscrita do Dr. Gustavo Barroso existente no Departamento de Numismática.
36. POLIANO, L. M., *op. cit.*, p. 22.
37. BRAGA, Carlos d'Almeida. A Numismática. Em *Revista Numismática*. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, 1933 (Ano 1, no. 1), p. 43.
38. A relação completa das peças roubadas foi publicada pela *Revista Numismática* em 1937 (nos. 3/4), pp. 246-248.
39. DUMANS, Adolfo. O Museu Histórico através dos seus 19 anos de existência. Em *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: MHN / Imprensa Nacional, 1940 (vol. 1), p. 216.
40. Idem, *Ibidem*, pp. 211-230.
41. Idem, *Ibidem*, p. 226.
42. O núcleo de pesquisa constituído recentemente pela Dr^a Maria Beatriz Florenzano no Museu de Arqueologia e Etnologia / USP (o único do Brasil na área de Numismática), dedica-se ao estudo da numismática antiga e também da brasileira, com o objetivo de "conhecer mais da história do homem usando a moeda como documento".
43. O Museu do Banco do Brasil, inaugurado em 1955, está hoje ligado ao Centro Cultural da Instituição, no Rio de Janeiro. Detém um acervo de 36 mil peças, sob a supervisão de Heleny Pires de Castro e a curadoria de Carlos Passos Perez.

Referências:

ABREU, Regina de. *Tradição e Modernidade: O Museu Histórico Nacional e seu acervo*. MHN / 1991.

- BABELON, Jean. Numismatique. Em: SAMARAN, Charles (org.) *L'histoire et ses méthodes*. Bruges: Encyclopédie de la Pléiade (vol. 11), Imprimerie Sainte Catherine, p. 373.1973.
- BITTENCOURT, José Neves. Vitamina para as Musas - sobre o papel da reflexão no interior do Museu Histórico Nacional. MHN/1989.
- BRAGA, Carlos d'Almeida. Augusto de Souza Lobo (1852-1922). Em: *Revista Numismática*. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, 1933 (no. 2), pp. 85-90.
- _____, A Numismática. Em: *Revista Numismática*. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, 1933 (Ano 1, no. 1), p. 43.
- _____, Antonio Pedro de Andrade (1839-1921). Em: *Revista Numismática*. São Paulo, Sociedade Numismática Brasileira, 1933 (Ano 1, no. 3), pp. 193-195.
- DIVISÃO DE CONTROLE DO PATRIMÔNIO/MHN, processo 3/24, documento 1.
- DUMANS, Adolfo. O Museu Histórico através dos seus 19 anos de existência. Em: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: MHN/Imprensa Nacional, 1940 (vol. 1), p. 216.
- FERRERANETO, Edgard Leite. O improviso da perenidade. MHN/1991.
- FLORENZANO, Maria Beatriz B. Numismática e História Antiga. Em: *Anais do 1º Simpósio Nacional de História Antiga*. João Pessoa: 1984, p. 49.
- FRERE, Hubert. *Numismática - uma introdução aos métodos e à classificação*. Tradução e adaptação de COSTILHES, Alain e FLORENZANO, Maria Beatriz. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, 1984, p. 11.
- NEWMAN, Robert. A dialogue of power in the coinage of Antony and Octavian (44-30B.C.), Em: *American Journal of Numismatics* - 2. New York: American Numismatic Society, 1990.
- POLIANO, Luiz Marques. A Numismática no Museu Histórico Nacional. Em: *Revista Numismática*. São Paulo:, Sociedade Numismática Brasileira, 1946 (nos. 1-4), pp. 9-10.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. Em: ROMANO, Ruggiero (dir.) *Memória - História*, Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 77.
- PUPO, Alceu de Campos. Julius Meili. em: *Revista Numismática*. São Paulo, Sociedade Numismática Brasileira, 1933 (Ano 1, no. 1), pp. 6-8.
- VASCONCELOS, J. Leite de. Objecto da Numismática. Em: *O Archeologo português*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1895, vol.1, p. 305.

